

O ENSINO DO SISTEMA DE ESCRITA ALFABÉTICA: O QUE OS PROFESSORES PENSAM QUE DEVE SER ENSINADO EM CADA ANO DO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO: O QUE DIZEM OS DOCENTES DE JABOATÃO DOS GUARARAPES - PE

Autora: Gerlangi da Conceição Silva; Co-autora; Juliana Maria Lima Coelho

*Prefeitura da Cidade do Recife – E-mail : juelho@gmail.com
Prefeitura da Cidade de Jaboatão dos Guararapes: E-mail: gerlangi@yahoo.com.br*

Resumo

O referido estudo teve como objetivo analisar o conhecimento das professoras em relação as prioridades no Ensino de Linguagem do 1º até o 3º ano do Ensino Fundamental ainda buscamos investigar como a professora propõe atividades que envolvem a apropriação da escrita alfabética e verificar como os gêneros textuais aparecem nesse contexto de apropriação da escrita. Utilizamos como suporte teórico a discussão sobre alfabetização e tivemos as contribuições dos teóricos Morais, Leal, Ferreiro e Teberosky dentre outros. Para realizarmos a coleta de dados aplicamos entrevista semiestruturada com seis professoras que lecionavam no Ciclo de Alfabetização. Tivemos como representação duas professoras entrevistadas por cada ano Ciclo. Ressaltamos que o grupo de docentes participantes da pesquisa lecionava em escolas do município de Jaboatão dos Guararapes – PE. Notamos que as docentes entrevistadas possuíam clareza da dimensão do trabalho no primeiro Ciclo, a preocupação em alfabetizar e oportunizar o contato com diferentes gêneros textuais e ainda compreendendo a necessidade de trabalhar com a ortografia. Porém, um aspecto que nos foi evidenciada diz respeito a falta de delimitação no que concerne a qual deve ser o enfoque do trabalho em cada ano Ciclo, de modo que haja um maior investimento do docente em algum fator a cada ano. Assim acreditamos que os docentes traçam quase que individualmente quais devem ser suas prioridades a cada ano Ciclo, não havendo padrões mínimos para o nível de conhecimento em cada ano do Ciclo, talvez por isso também tenhamos tanta heterogeneidade nas salas de aula, aspecto positivo, porém ao resultar de uma inconsistência relacionada ao currículo pode promover vários problemas, dentre eles estudantes terminarem o terceiro ano do Ensino Fundamental sem o domínio efetivo da leitura e escrita.

Palavras-chave: Leitura, Prioridade, Ensino, Escrita.

Introdução

A partir de nossas experiências enquanto docentes de rede municipal vimos mais claramente a diversidade de prioridades quando o assunto era alfabetização entre os docentes que lecionavam no Ciclo de Alfabetização. Diante dessas incertezas, nas quais nem a grade curricular supria as necessidades dos professores quanto a demarcar o que cabia a cada ano ciclo nos questionamos: Em que o professor se baseia para

delimitar e buscar atender os conhecimentos dos educandos em relação ao S.E.A. (Sistema de Escrita Alfabética).

Sabemos que com as discussões de Ferreiro e Teberosky (1999) o processo de alfabetização foi repensado o que resultou em mudanças no tempo de aprendizado – nesse caso a compreensão o tempo de aprendizagem para a leitura e escrita é algo distinto entre os estudantes por isso a criação de um Ciclo de Alfabetização que compreende três anos de duração. Certamente a proposta de saberes necessários a cada ano do Ciclo de Alfabetização varia em função das concepções do professor que está atuando nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Pensamos nessa característica e por conta disso nos propusemos em nossa pesquisa a analisar o conhecimento das professoras em relação as prioridades no Ensino de Linguagem do 1º até o 3º ano do Ensino Fundamental buscamos ainda investigar como a professora propõe atividades que envolvem a apropriação da escrita alfabética e verificar como os gêneros textuais aparecem nesse contexto de apropriação da escrita.

Um dos fatores mais importantes nesse processo de aquisição da escrita vivenciado pelo estudante e direcionado pelo professor remete a heterogeneidade, ou seja, na sala de aula há estudantes em diferentes níveis de conhecimento de leitura e escrita. Esse aspecto faz com que o professor precise direcionar o trabalho pedagógico, muitas vezes, propondo atividades diferenciadas, considerando os saberes de cada aluno ou grupo deles. Sobre esses aspectos Ferraz (2005) nos coloca:

Para compreendermos ainda mais a complexidade do ensino desse objeto, reativamos nossa consciência de que a aprendizagem não se dá num mesmo ritmo para todos os aprendizes e que eles não percorrem exatamente os mesmos caminhos. O próprio conjunto de conhecimentos construídos anteriormente ao ingresso à escola não é uniforme. Alguns alunos chegam à sala de aula já tendo certa familiaridade com as letras, sabendo nomeá-las e, alguns, até entendendo a lógica de junção dessas letras para formar palavras; outros chegam sem compreender que os símbolos que usamos (letras) são convenções sociais e acham que podem escrever com rabiscos ou mesmo com desenhos. (pág. 89)

Esse aspecto, conforme relatado anteriormente, promove um planejamento individualizado para dar conta das demandas de cada estudante no que concerne a apropriação da escrita. Tal fator também pode contribuir para que o docente estabeleça metas para cada turma. Esses objetivos bem específicos fazem com que se perca a

as metas que devem ser contempladas para cada ano ciclo quando se fala em alfabetização.

É válido ressaltar que nas escolas municipais de Recife tal debate reforçou a necessidade de uma política de ensino que discutisse esses aspectos, pois, era notável e muito desafiador não ter especificado o que cada aluno deveria saber em cada ano Ciclo. Os estudantes ingressavam nas escolas com os mais diversos níveis de saberes especificamente nos três anos iniciais do Ensino Fundamental. Esse aspecto também pode ser notado no município de Jaboatão dos Guararapes pois, parece ser uma característica de grande parte das cidades situadas na região metropolitana de Recife a ser revisto.

À medida que os docentes concentram suas práticas pedagógicas para que o estudante aprenda a ler e a escrever, o mesmo preocupa-se em fazer com que o aprendiz participe das práticas de leitura e escrita na sociedade, por isso o trabalho com gêneros textuais, muitas vezes se faz presentes em suas ações didáticas. Conforme Mendonça (2007):

...É preciso realizar um processo de didatização para atingir os objetivos pedagógicos na abordagem dos gêneros. Esse processo de didatização é desencadeado pela necessidade de ensinar, que exige a modificação do conhecimento, convertendo-o em objeto de ensino: é preciso selecionar, adaptar e organizar conteúdos, além de elaborar estratégias e material didático pertinentes aos objetivos pedagógicos. Assim, o trabalho com gêneros na escola não deve ser a mera transmissão de conhecimentos construídos na área da linguística sobre os gêneros. (pág. 49-50)

Com base na discussão de Mendonça vislumbramos conhecer o trabalho dos professores em relação ao gênero textual, identificar os gêneros que estão mais presentes nas práticas desses docentes e dessa maneira, obtermos indícios de sua didatização do gênero. Imaginamos que essa articulação gênero textual e atividades de apropriação situem o estudante nas práticas sociais.

Assim, temos importantes indícios sobre o trabalho docente quando há uma articulação entre apropriação da escrita e trabalho com gêneros textuais especificamente no 1º ciclo. Deve-se também obter conhecimento acerca da ortografia, como essa é proposta nesse momento inicial de apropriação da escrita. Já que sabemos que o domínio das convenções ortográficas se constitui em um processo de autonomia da escrita do estudante concordamos com Morais quanto ao processo individual de aprendizado da escrita e posteriormente da ortografia:

...primeiro, os aprendizes dominam as restrições ou propriedades do sistema de escrita alfabética e, só em seguida e aos poucos, vão internalizando a norma ortográfica. Para alfabetizar-se, um indivíduo – criança, jovem ou adulto – precisa, inicialmente, compreender uma série de propriedades do sistema alfabético, para poder vir a usar as letras desse sistema com seus valores sonoros convencionais. Para alfabetizar-se, um indivíduo – criança, jovem ou adulto – precisa, inicialmente, compreender uma série de propriedades do sistema alfabético, para poder vir a usar as letras desse sistema com seus valores sonoros convencionais. (pág. 16)

No que concerne ao aprendizado da escrita são muitos os aspectos que precisam se tornar compreensíveis para o educando. Essas habilidades as quais o educando consegue adquirir resultam seguidamente não só no aprendizado da escrita mas também traz elementos para entender o funcionamento da ortografia, a questão dos tipos de normas ortográficas, fator que só será aprofundado mediante o domínio da leitura e da escrita. Sobre esse aspecto Morais coloca ainda:

Necessita, assim, compreender que o repertório de letras usadas para escrever sua língua é fixo, que não pode inventar letras e que só poderá usar as letras que, de fato, são utilizadas por quem já sabe ler e escrever. Necessita, ainda, compreender que o que a escrita alfabética nota ou representa são os segmentos sonoros das palavras (e não seus significados ou as características físicas dos objetos que elas nomeiam) e que, para registrar a pauta sonora das palavras, colocamos no papel mais letras que as sílabas que pronunciamos. Precisar, também, compreender quais são as combinações ou sequências de letras permitidas e as posições em que elas podem aparecer... além dos valores sonoros que podem assumir. (pág. 16-17).

Por todas essas aquisições citadas que o autor defende que o investimento relacionado ao aprendizado da ortografia deve ser realizado após a consolidação do domínio da leitura e da escrita.

Metodologia

O presente estudo teve como objetivo geral analisar o conhecimento das professoras em relação as prioridades no Ensino de Linguagem do 1º até o 3º ano do Ensino Fundamental. A pesquisa de campo foi realizada em duas escolas da rede municipal de Jaboatão dos Guararapes-PE.

O instrumento de coleta de dados foi uma entrevista semiestruturada aplicada com 6 professoras, duas delas ensinavam em turmas do 1º ano; duas do 2º e duas do 3º ano do Ensino Fundamental. Todas licenciadas em Pedagogia e com cerca de cinco anos de experiência na área. Utilizamos a entrevista semiestruturada por

acreditar que este instrumento de coleta de dados permite uma maior aproximação entre o pesquisador e objeto pesquisado. Ainda sobre a escolha do tipo de entrevista trazemos Lüdke e André quando definem: “A entrevista semiestruturada se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações”. (pág. 40)

Resultados e Discussão

A apresentação dos resultados constituiu-se a partir da análise das falas dos sujeitos entrevistados articulando as contribuições de teóricos que tratam do assunto e as reflexões das autoras deste trabalho.

Lembramos que as perguntas tiveram como objetivo principal analisar o que as professoras compreendem do ciclo de alfabetização. Iniciamos a entrevista realizando o seguinte questionamento. Quais conhecimentos enquanto professora você acredita que sejam imprescindíveis que a criança construa no 1º ano?

As respostas a esta pergunta tiveram semelhanças, pois a maioria delas falou da importância da criança aprender “fazer seu nome; reconhecer as letras do alfabeto; compreender textos a partir da leitura de outra pessoa e também consegui realizar a leitura de palavras simples”.

Outra pergunta que realizamos foi: Quais são as atividades que você considera indispensáveis para ajudar no processo de alfabetização das crianças?

Observemos a resposta da professora A (2º ano)

Trabalhar com cantigas, a partir de uma simples cantiga você pode explorar, como eu costumo fazer, trazer para a sala de aula e aí cantar com eles e depois ler as palavrinhas com eles, chamar cada um para que possa localizar palavras que o professor ditar. Trabalhar com os gêneros textuais; com jogos; e com tudo que movimentar os alunos, desafie, dessa forma a gente começa a alcançar o nosso objetivo.

Professora B (1º ano)

“A leitura, que é a leitura deleite. A leitura individual, o auto ditado”.

Quando analisamos a fala das professoras percebemos que elas demonstram trabalhar de maneira que os alunos interajam uns com os outros, sintam-se desafiados a aprender.

A fala dos sujeitos entrevistados tem base no discurso de MORAIS (2012) “Nossa reivindicação é outra e mais específica: pensamos que a cada dia, de segunda a sexta – feira, nas salas de aula de alfabetização, é necessário que os alunos tenham atividades de reflexão sobre palavras voltadas ao aprendizado do SEA[...] (p.122)

Logo a fala do autor citado, expõe a importância das crianças serem oportunizadas diariamente a refletirem sobre o sistema de Escrita Alfabética, as atividades citadas pelos sujeitos entrevistados demonstram que há uma tentativa de um trabalho sistemático de leitura e escrita com os discentes.

Em relação a pergunta: Quando o estudante consegue atingir as metas para ele estabelecidas, qual caminho é esperado que ele trilha até o 3º ano do Ensino Fundamental? O que acontece com ele em termos de aprendizado?

É importante destacar que todos os sujeitos entrevistados citaram que ao final do 3º ano do Ensino fundamental as crianças devem estar alfabetizadas, isto é, lendo com compreensão, produzindo textos, realizando as atividades com mais autonomia.

Sabemos que todas as habilidades citadas são importantes, para o bom desenvolvimento dos discentes nos demais anos do Ensino Fundamental, todavia apropriar-se da norma ortográfica é importante e foi citado, por apenas um sujeito.

Observemos as seguintes falas:

Professora A (2º ano)

[...] O objetivo do ciclo é que essas crianças estejam alfabetizadas ao final do 3º ano do Ensino Fundamental. Precisam saber ler com compreensão. [...]

Professora C (3º ano)

Ao final do ciclo o aluno precisa estar alfabetizado, saber ler com fluência; escrever também de acordo com as normas de ortografia, enfim se ele souber ler e escrever, conseguirá seguir os outros conteúdos também seja lá de qual disciplina for.

A fala da professora é bastante pertinente, quando analisada em vista da visão do autor citado abaixo, pois, segundo MORAIS (2012) Espera-se que ao

final do primeiro ano do Ensino Fundamental parte da turma tenha compreendido o funcionamento do Sistema de Escrita Alfabética, ou seja, tenha chegado a hipótese alfabética, começando dessa maneira a aprender algumas convenções letra-som. A partir desse momento devem ter a oportunidade de refletirem sobre as normas ortográficas regulares e irregulares da nossa Norma Culta.

Assim como a professora citada o autor acredita que ao final do Ciclo de Alfabetização as crianças estejam fazendo uso da Norma culta padrão, ou seja, utilizado algumas normas ortográficas no momento de escrever um pequeno texto, fazendo um ditado, entre outro.

Porém, para que isto aconteça é necessário que a partir do 2º ano do Ensino Fundamental as crianças vivenciem situações de escrita nas quais possam estar refletindo sobre a norma padrão.

Outra questão abordada na entrevista foi a seguinte: Em relação as orientações da rede municipal de ensino de Jaboatão, o que a criança do 1º ano precisa saber?

Observemos a fala da professora D:

[...] que ele compreenda que existem diversos gêneros textuais, não que seja cobrado dele que ele defina, mas que ele tenha acesso a esses diversos gêneros textuais. (1ºano)

A fala da professora é bastante pertinente, pois tem relação com a fala de Mendonça e Leal quando a mesma fala:

Nossas metas e objetivos, portanto, são múltiplos, mas o cerne de nosso trabalho pedagógico é o de que os alunos precisam aprender a refletir sobre as situações de interação em que os textos circulam e sobre os diferentes gêneros textuais, a fim de poder transferir o que aprendem na sala de aula para os contextos diversos em que convivem fora da escola.

Vemos nesse trecho do pensamento das autoras anteriormente citadas que o objetivo é que os alunos realmente tenham o contato com os gêneros textuais que circulam fora da escola e compreendam a finalidade do uso desses textos. Essa compreensão certamente favorece a prática social dos sujeitos. Nessa perspectiva o trabalho com a apropriação da escrita e a oportunidade do aluno de ampliar seus conhecimentos acerca dos gêneros textuais deve ser conduzido pelo professor visando a cada ano ciclo, aprofundar os saberes dos estudantes.

Conclusões

Percebemos que as docentes entrevistadas davam prioridade no Ciclo de Alfabetização ao ensino da escrita. Notamos que foi recorrente o entendimento das professoras acerca da importância de fazer com que o estudante dominasse a leitura e a escrita. As professoras demonstravam clareza sobre a necessidade de alfabetizar os estudantes, proporcionar o domínio da ortografia, o contato com diferentes gêneros textuais, facilitando assim, a elevação dos níveis de letramento dos educandos.

Sabemos que a delimitação de conhecimento em cada ano ciclo ainda precisa ser reelaborada a fim de estabelecer parâmetros que promovam um maior conhecimento sobre o que em cada ano se precisa saber, ou seja, vimos que o docente delimita claramente a necessidade de o aluno aprender a ler e a escrever até o terceiro ano do Ensino Fundamental, porém, o docente não demonstra saber, em cada no Ciclo o que o estudante tem que concluir tendo se apropriado de um determinado conjunto de conhecimentos, é certamente esse fator que precisa tornar-se mais evidente para esses profissionais que atuam diariamente com os aprendizes.

A delimitação de cada conhecimento necessário em cada ano do Ensino Fundamental facilitará o investimento do professor e também o alcance do objetivo maior que é o de tornar o indivíduo autônomo na leitura e na escrita – alfabetização.

Referências

FERREIRO, Emília. TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre, Artmed. 1999.

MENGA, Lüdke. E ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas**. Rio de Janeiro, E.P.U. 2013.

MORAIS, Artur Gomes de Morais. ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. LEAL, Telma Ferraz. (Orgs.) **Fazendo acontecer: o ensino da escrita alfabética na escola**. In: Alfabetização apropriação do Sistema de escrita alfabética. Belo Horizonte, Autêntica, 2005.

MORAIS, Artur Gomes. **Sistema de Escrita Alfabética**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

FERRAZ, Carmi. MENDONÇA, Márcia. Gêneros: **Por onde anda o letramento?** In:

Alfabetização e letramento: Conceitos e relações. Belo Horizonte, Autêntica, 2007.

_____ Gêneros: **Progressão escolar e gêneros textuais.** In: Alfabetização e letramento: Conceitos e relações. Belo Horizonte, Autêntica, 2007.

SILVA, Alexsandro. MORAIS, Artur Gomes de. MELO, Kátia Leal Reis de. **A norma ortográfica do português: o que é? para que serve? como está organizada?** In: Ortografia na sala de aula. Belo Horizonte, Autêntica, 2007.